

Quarenta Dias *e o Elogio da Cordialidade*

Rinaldo **DE FERNANDES**

Doutor em Letras pela Unicamp e professor de literatura na Universidade Federal da Paraíba (UFPb).

Autor dos romances

Rita no pomar (7Letras, 2008 – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura) e

Romeu na estrada (a ser lançado). Organizou, entre

outras coletâneas, *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura*

brasileira contemporânea (Geração Editorial, 2006) e

Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos (LeYa, 2013).

Quarenta dias (Alfaguara, 2014), o romance mais recente de Maria Valéria Rezende, paulista radicada há décadas na Paraíba (o texto de orelha informa que ela, em 1965, “entrou para a Congregação de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho” e que sempre se dedicou à educação popular), traz uma protagonista curiosa – Alice, uma paraibana aposentada que, por conta da filha única casada com um gaúcho e que planeja engravidar, vai viver em Porto Alegre, preparando-se para se tornar “avó profissional”. Protagonista curiosa e que faz pensar no problema da identidade e de suas representações no romance brasileiro atual.

Quarenta dias, é bom que se afirme logo, atesta a habilidade da autora em manusear as técnicas do romance, as suas ramificações; em saber conduzir bem as ações em sua disposição não-linear; em operar e intensificar o monólogo interior. Por esse viés, Valéria Rezende atrai bastante como romancista. Tem uma linguagem fluida, sem excessos ou cacoetes, contendo-se para não tornar jocosa a fala da paraibana, que é também narradora da história.

O romance tem 32 capítulos/fragmentos, razoavelmente curtos, tomando uma, duas, três, quatro, cinco e até seis folhas (totalizando 245 páginas). A história de Alice, especialmente a de sua vida em Porto Alegre – onde ela passou quarenta dias circulando

pelas ruas, sobretudo as da periferia; quarenta dias no “avesso” da cidade, por seus “buracos” e “rachaduras” –, é narrada, como indicado, em 32 capítulos/fragmentos que trazem ainda três elementos, sendo que o primeiro é praticamente invariável, o segundo apresenta algumas variações e o último, também com algumas variações, aparece intercalado entre capítulos. Os elementos são os seguintes:

1) uma epígrafe (uma frase ou trecho que a protagonista-narradora, leitora voraz, retirou de algum livro que lhe pertence ou que ela manuseou em sebo ou livraria por onde passou; um único capítulo, o quinto, exhibe três epígrafes);

2) uma fala, às vezes abrindo, às vezes fechando os capítulos, às vezes abrindo-os e fechando-os, que Alice dirige à boneca Barbie (na verdade, à imagem da boneca que está estampada na capa do caderno onde a protagonista-narradora escreve o seu relato);

3) uma ilustração, constituindo o pórtico de 16 dos 32 capítulos, de um panfleto (publicitário, em sua grande maioria, mas há ainda recibos de lanchonete ou de padaria, uma simpatia e até mesmo um anúncio de uma cadela perdida) que a protagonista-narradora recolheu em suas andanças por Porto Alegre. No caso, o verso, ou mesmo a frente, do panfleto serviu para ela fazer anotações sobre o que observou.

O relato que lemos é, substancialmente, o registro feito pela protagonista-narradora no caderno (com a imagem citada da Barbie) que ela leva de João Pessoa para Porto Alegre; registro de suas lembranças (da “balbúrdia de imagens, impressões, sentimentos acumulados por quarenta dias”), dessas várias anotações feitas nos panfletos publicitários, os quais Alice dispõe na mesa da cozinha do apartamento (ofertado pela filha) em que ela fica sozinha em Porto Alegre. É aqui, no apartamento, que a professora aposentada faz o seu registro.

As ilustrações que formam o pórtico de 16 dos capítulos são bem produzidas (foram compostas por Andrea Vilela de Almeida) e funcionais – antecipam informação semântica ao leitor, apontando para o circuito da protagonista, para as suas andanças pelas dobras da cidade.

As falas que Alice dirige à boneca Barbie, por sua vez, e amainando a voz um tanto tensa da protagonista-narradora, são lúdicas, humoradas, e, em certos passos, lembram o registro da literatura infantil (é bom lembrar que Valéria Rezende é autora premiada de obras infantis), como nestes exemplos:

“Bonjour”, mudinba, continue quieta [...]

Nada disso lhe interessa, não é, Barbie?, você é oca e indolor [...]

Vamos lá, boneca, desculpe perturbar mais uma vez seu sono eterno [...]

Pena que você não tem nada dentro dessa cabeça [...]

Por outro lado, a protagonista-narradora Alice expressa valores que configuram uma imagem positiva do ethos do Nordeste e da periferia. Ao se encontrar em Porto Alegre, e sendo de “lá” (do Nordeste), como às vezes indica, ao se deslocar pela periferia da cidade tentando achar Cícero Araújo, desaparecido, filho de uma conterrânea sua, operário da construção civil, Alice embarca numa aventura por recantos em que, quase sempre, se depara com pessoas solidárias, vários nordestinos, que têm compaixão dela, que se comovem com a narrativa que ela sempre usa do desaparecimento de Cícero. Narrativa na qual enfatiza a desolação da mãe paraibana que ela, Alice, num ato, convenhamos, de desprendimento, também de muita solidariedade, decide, e de modo obstinado, ajudar. Nesta perspectiva, há no livro uma espécie de ‘elogio da cordialidade’. Alice, embora andando por lugares que não conhece, alguns supostamente perigosos, ou potencialmente violentos (“Porto Alegre é uma cidade enorme, moderna, metrópole, violenta” – está dito logo no segundo capítulo), não tem maiores dificuldades para fluir, para encontrar guarida, atenção – enfim, cordialidade. Exemplo de cordialidade que ampara a protagonista:

[...] deixe minha filha chegar, ela leva a senhora por aí, aqui tem muito paraibano, sim, minha filha conhece todos, eu conheço também as famílias, vai com ela, perguntando [...]. Olha ela chegando aí, minha filha vai levar a senhora, não leva, Suelen? Suelen me conduziu de casa em casa, gente do sertão, do litoral, da Várzea, do Brejo da Paraíba, uns tantos Cíceros, por certo, mas nenhuma notícia de Cícero Araújo, nem nas casas de outros Araújo. Comi tapioca com coco, tomei café, refresco de cajá [...].

Outro exemplo de cordialidade que alcança a protagonista em sua rota pela periferia:

[...] acordei [num sofá velho em que Alice se recostara] já com o dia escurecendo e uma mulher jovem, com uma fala que não era dali, me apertava o ombro perguntando se me sentia mal, se queria uma água ou que chamasse alguém. Envergonhada, recusei, disse que não era nada, apenas um pouco de tontura porque tinha andado demais. Mas já passou, já estou bem, preciso ir embora, estou atrasada. Levantei-me de um pulo e já saí andando, Tem certeza?, não quer mesmo nem um pouco de água?

A periferia de Valéria Rezende, reitero, é cordial, afetiva. Periferia prestativa, da boa convivência. E Alice, até pelo que virá acontecer com ela, soa como uma personagem *franciscana*.

A personagem de Alice, por outro lado, tem muita força, notadamente nos primeiros momentos do livro, quando está dilacerada por sua transferência para Porto Alegre (“cidade pra onde me transplantaram à força”). Aqui o leitor sofre com a personagem, apega-se ao seu drama, comove-se com a sua solidão. Aqui o tema do ‘exílio’, da angústia do indivíduo desterrado, se impõe. Alice, já foi dito, é aposentada (tem duas aposentadorias), deu aulas de

francês, esteve na França fazendo um curso, tem uma filha professora universitária que a leva para Porto Alegre (deixa-a num bem equipado apartamento na capital gaúcha antes de seguir com o marido para uma pós-graduação de seis meses na Europa; apartamento disponibilizado exclusivamente para Alice e que esta irá abandonar de uma hora para outra). Alice tem erudição, é apegada aos livros (que estão sempre presentes na sua vida, tornando-se um elemento importante, em várias cenas do livro, na caracterização da personagem). É, como qualquer brasileiro médio, bem posta na vida. Sendo assim, é de se perguntar: não soa estranho, não cede um tanto a força da personagem, a ‘descida’ de Alice para a mendicância ou algo parecido? (Sim, Alice, em parte dos quarenta dias em que circula por Porto Alegre, vive à beira da mendicância ou mesmo como mendiga. A indumentária, o modo de se alimentar e de dormir nas ruas, num parque ou em prédios públicos, a convivência com moradores de rua – tudo isso a identifica com uma mendiga. E é a própria protagonista-narradora que anota, já para o fim do livro, que os moradores de rua são seus “iguais”). A sensação de “existir solta”, por si só, seria suficiente, justificaria a virada drástica na vida da personagem? A insatisfação da protagonista provocada por seu “transplante” para outro estado moveria mesmo a mudança, tão radical, de sua condição/identidade, teria mesmo carga para proporcionar a sua penúria (e Alice recebendo, repito, duas aposentadorias e tendo um bom apartamento à sua disposição) pelas ruas e noites frias de Porto Alegre? O romance, por uma via que muito provavelmente a escritora não desejava enveredar, não terminaria de algum modo reforçando o estereótipo do nordestino paupérrimo, miserável, socialmente inviabilizado?

São questões para as quais não encontro respostas no momento. São inquietações sérias, responsáveis, de quem reconhece os méritos do romance de Maria Valéria Rezende.